

Prefácio

Propondo-se a tratar do que aproxima e do que distancia Winnicott e Heidegger, o presente livro tem como um de seus principais méritos colocar a discussão sobre a relação entre a psicanálise e a filosofia em termos do pensamento contemporâneo. Ao estudar, por um lado, o psicanalista que reformulou a psicanálise tradicional, livrando-a da sua herança metafísica (a metapsicologia) e propondo para ela novas tarefas clínicas e novos horizontes teóricos, e, por outro, o filósofo, cujo projeto inclui, como parte essencial, o ultrapassamento da metafísica (o conjunto das doutrinas da filosofia tradicional) e a explicitação de novas tarefas do pensamento filosófico, Eder Soares Santos abre espaço para uma dinâmica totalmente nova entre as duas disciplinas.

Ao empreender uma pesquisa desse porte, Eder valeu-se de resultados prévios, estabelecidos anteriormente por mim mesmo e pelo grupo de meus orientandos e ex-orientados atualmente reunidos na Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana. Esses resultados, base da abordagem que passou a ser conhecida como Escola Winnicottiana de São Paulo, seguem uma linha de pesquisa em história e filosofia da psicanálise que criei no início dos anos 1990, usando como referencial teórico 1) a filosofia transcendental de Kant, 2) a ontologia fundamental de Heidegger e 3) a teoria dos paradigmas de Kuhn, que retoma as principais teses da teoria heurística da ciência, cujas raízes remontam à ciência e à filosofia grega, se firma com Descartes, Leibniz e Kant, e reaparece na atualidade com força na obra de Carnap. Usei Kant para repensar as origens da psicanálise freudiana. Recorri a Heidegger não apenas para proceder à desconstrução dos ingredientes metafísicos da psicanálise tradicional, mas também para refletir, com base no projeto

heideggeriano de uma psicopatologia e psicoterapia baseadas na analítica existencial, elaborado nos seminários de Zollikon, sobre o progresso da psicanálise. Kuhn serviu-me para caracterizar a psicanálise winnicottiana como uma atividade de resolução de problemas, a saber, de problemas clínicos, desenvolvida num quadro de compromissos teóricos constituídos como um novo paradigma elaborado especificamente para este fim.

Kant já era uma referência clássica para o estudo de Freud. A inovação que trouxemos foi a de ler a metapsicologia de Freud como um desenvolvimento do programa kantiano de pesquisa empírica com base no uso de ideias especulativas. Heidegger tampouco era uma absoluta novidade nos debates sobre a psicanálise. Lacan, na construção de seus meandros sobre a linguagem, dizia-se inspirado na recepção heideggeriana do Logos de Heráclito. Vários freudianos mais recentes, entre eles Hans W. Loewald, repensavam Freud à luz da filosofia que aprenderam de Heidegger. O ponto diferencial foi mostrar que a fenomenologia pós-metafísica de *Ser e tempo* poderia ser usada, de modo sistemático, para esclarecer e avaliar a dimensão filosófica do paradigma winnicottiano, dispensado o aval dos pensadores metafísicos tais como Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, tradicionalmente invocados para este fim seja por Freud, seja por comentadores da obra de Freud. O recurso a Kuhn era menos costumeiro, embora o meu grupo não tenha sido nem o primeiro nem o único a usar a obra desse autor como guia teórico no estudo da história da psicanálise, em particular, da relação entre Winnicott e Freud. A nossa contribuição consistiu em fazer uso sistemático de Kuhn, chamando a atenção tanto para a diferença entre os exemplos básicos de problemas clínicos nos dois autores e entre as soluções propostas por eles, como para as divergências teóricas, em particular, as relativas à dimensão filosófica da psicanálise.

Essa linha de pesquisa recebeu um impulso decisivo pela descoberta, que fiz em 1995 e que foi consolidada, em seguida, por uma série de pesquisas de vários membros do grupo, de que Winnicott

1) deixa de considerar como exemplares os problemas edípicos (os da criança na cama da mãe) e confere esse papel aos problemas que chamei, seguindo Winnicott, problemas do bebê no colo da mãe; 2) substitui a teoria da sexualidade, como teoria-guia na clínica, pela teoria do amadurecimento emocional e pessoal, processo no qual o desenvolvimento é apenas uma parte; 3) define a psicanálise não como estudo do aparelho psíquico, movido causalmente por pulsões, mas da natureza humana, caracterizada pela tendência não causalmente determinada à integração; 4) reorganiza as tarefas da clínica e propõe novos procedimentos para o tratamento (o manejo); 5) reinterpreta o conceito de cura. Dessa forma, Winnicott opera uma “mudança do paradigma” da psicanálise tradicional, pela qual se distancia de Freud e da metafísica tradicional, e permite um diálogo frutífero com o projeto heideggeriano de uma psicopatologia e psicoterapia baseadas na analítica existencial.

A pesquisa de Eder trouxe aportes importantes para a consolidação e ampliação desses resultados. Ele retoma o problema da justificação do uso de Kuhn no estudo da história e da estrutura das teorias psicanalíticas e o desenvolve no âmbito da filosofia contemporânea da ciência. O seu interesse principal é dirigido, contudo, para a questão da interpretação do processo de amadurecimento de Winnicott em termos da fenomenologia heideggeriana da acontecência do homem no mundo. Entre os principais temas comuns encontrados são os de cuidado, preocupação, tempo e angústia. Contudo, talvez o ponto decisivo é o fato de Eder poder mostrar que a temática heideggeriana do sentido de ser, central em *Ser e tempo*, pode servir para encaminhar uma discussão filosófica das consequências da afirmação de Winnicott de que, na vida humana, o que está em jogo é mais bem o ser do que o sexo, tese que reorganiza, de forma radical, o campo da psicanálise.

Eder não se esquece de várias pesquisas da Escola que evidenciam a incompletude da analítica existencial de Heidegger. Aprofundando esse assunto, Eder aduz uma série de análises para

mostrar que vários momentos essenciais de amadurecimento (o nascimento, a corporeidade, entre outros) não são nem podem ser contemplados pela fenomenologia heideggeriana da acontecência do homem. Isso lhe permite reafirmar um resultado importante, que organiza toda discussão futura da relação entre a psicanálise e a filosofia conduzida na perspectiva da Escola de São Paulo: se é verdade que a filosofia de Heidegger liberta a psicanálise do seu passado metafísico (oferecendo-lhe, por meio de conceitos existenciais, novo quadro para pensar os fatos, tanto cotidianos como clínicos, relativos à realização da natureza humana no tempo ao longo do processo de amadurecimento), a psicanálise, por sua vez, ao estudar a constituição no tempo desse tipo de facticidade, coloca para essa filosofia novas tarefas que o ponto de partida de Heidegger, a experiência mediana do adulto ocidental normal, não permite vislumbrar. Dessa forma, o trabalho de Eder traz uma contribuição significativa para uma melhor compreensão do círculo hermenêutico entre as interpretações ônticas (factuais) e a ontologia, na medida em que, como diz Heidegger, mediante experiência ôntica são descobertos novos existenciais.

Zeljko Loparic